CONTAR HISTÓRIAS NO AEE: MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS COMPARTILHADOS

Jaqueline Sousa Santos Pita[1]

EIXO 2 – Formação de professores/as, Saberes e Fazeres docente na Educação Básica e necessidades socioeducativas contemporâneas

Resumo

Este estudo apresenta resultados de uma pesquisa de Mestrado (2023) que investigou os sentidos atribuídos à Contação de Histórias (CH) no Atendimento Educacional Especializado (AEE) por professoras e estudantes com deficiência nos anos finais do ensino Fundamental através de um olhar investigativo sobre as falas, expressões e cenário onde foram realizados os estudos. Ancorado na educação inclusiva e em teóricos que discutem a CH como Sisto (2012) e Amarilha (1997) destacamos a narrativa como prática pedagógica mediadora, capaz de promover habilidades comunicativas, emocionais e sociais. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter etnográfico, foi realizada em duas Salas de Recursos Multifuncionais de uma Escola Municipal da cidade de Salvador, com seis estudantes de idades entre 11 e 15 anos com deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e/ou síndromes raras e, duas professoras. Utilizou-se a observação participante, entrevista, diário de bordo e gravações de vídeo durante os atendimentos e atividades realizadas com contos clássicos. Os resultados evidenciaram que a CH fortaleceu a inclusão dos estudantes ao dar voz a suas reflexões em diálogos e reflexões críticas. Desenvolveu habilidades como a linguagem e criatividade e, favoreceu a mediação pedagógica atenta para lidar com interrupções e questionamentos espontâneos, promovendo oportunidades de aprendizagem. Identificamos a necessidade de espaços adequados para a condução das atividades e formação docente para potencializar a prática. Consideramos que a CH no AEE consiste em uma estratégia que ultrapassa o lúdico ao articular inclusão, desenvolvimento de habilidades e construção de sentidos.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Atendimento Educacional Especializado. Mediação Pedagógica.

Introdução

Contar histórias em espaços educativos é uma atividade pedagógica potente que possibilita nutrir experiências valiosas nos diferentes campos em que seja empregada, de modo que promove uma experiência ímpar, fomenta descobertas e conexão com saberes atemporal.

[1] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutoranda em Educação e Contemporaneidade; jaquelinepitassa@gmail.com.

ISSN 2674-7227

Todavia, nos espaços educativos principalmente, carece de técnicas adequadas para que sejam alcançados com êxito os objetivos propostos.

Nesse sentido, a Educação Inclusiva tem registrado avanços significativos ao longo das últimas décadas, consolidando-se como um direito fundamental e inalienável das pessoas com deficiência. Consolidada como direito fundamental e inegociável através de marcos como a Declaração de Salamanca (1994) e a Lei Brasileira de Inclusão (2015), ainda enfrenta obstáculos para superar o processo histórico de marginalização de pessoas com deficiência principalmente no contexto educacional apesar de a Constituição de 1988 (art. 205) estabelecer a educação como direito de todos e dever do estado.

Porém, é importante destacar que a educação visando o atendimento de Pessoas com Deficiência (PcD) enfrentou muitos desafios historicamente. Sobre este aspecto, Capelini; Machado; Sade (2012, p 161) afirmam que "embora tenha ampliado substancialmente a matrícula de alunos com deficiência em classes comuns, práticas desenvolvidas são pouco avaliadas, e o processo ainda se encontra incipiente".

Dessa forma, CH, enquanto prática pedagógica configura-se como uma ferramenta que transcende o ensino tradicional, promovendo interação e inclusão como destacam Sisto (2012) e Amarilha (1997), a narrativa é inerente à condição humana, organizando experiências temporais e fomentando criatividade, empatia e diálogo.

No contexto do AEE, a prática da contação de histórias assume um papel estratégico no desenvolvimento de habilidades comunicativas, emocionais e sociais. Por meio de narrativas cuidadosamente selecionadas, os estudantes são convidados a estabelecer relações significativas com os conteúdos abordados, conectando-os às suas próprias experiências e realidades. Ademais, essa prática proporciona um espaço para o exercício da imaginação e da reflexão crítica, aspectos essenciais na formação integral do indivíduo.

Este estudo, realizado em 2023, investigou os sentidos atribuídos à CH no AEE por estudantes com deficiência e professoras nos anos finais do ensino fundamental. Originária da experiência prática da pesquisadora como docente da educação básica e do AEE, esta pesquisa buscou compreender os significados da CH em Sala de Recursos Multifuncionais no processo de ensino e aprendizagem.

Metodologia

A pesquisa foi conduzida em duas Salas de Recursos Multifuncionais de uma escola municipal de Salvador, com uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico. Os participantes

ISSN 2674-7227

foram seis estudantes, com idades entre 11 e 15 anos, diagnosticadas com: deficiência intelectual, autismo ou síndromes raras, além de duas professoras do AEE, sendo uma delas a própria pesquisadora. A coleta de dados incluiu observações in loco, registros em diários de bordo e gravações de vídeo, posteriormente transcritas e analisadas.

As atividades de contação de histórias ocorreram em momentos planejados, utilizando contos clássicos como "Chapeuzinho Vermelho". Tais histórias foram escolhidas por sua familiaridade e pela capacidade de engajar os estudantes em diálogos e reflexões. Além disso, a disposição de materiais adaptados, como livros em Braille e quebra-cabeças, contribuiu para a criação de um ambiente inclusivo e acolhedor.

Resultados e discussões

Os resultados obtidos destacam que a contação de histórias no AEE é uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e o desenvolvimento de habilidades em estudantes com deficiência. Observou-se que os momentos de interação, medições pedagógicas e atividades lúdicas possibilitaram o aprimoramento de competências como a linguagem, a criatividade e a capacidade de reflexão crítica. Além disso, a escolha de histórias que dialogam com o universo cultural dos estudantes mostrou-se fundamental para garantir sua participação ativa.

No entanto, desafios também foram identificados. A necessidade de um espaço tranquilo e acolhedor foi uma das questões levantadas, visto que interrupções externas podem comprometer a concentração e o engajamento dos estudantes. Por outro lado, pausas e questionamentos espontâneos durante as atividades foram interpretados como oportunidades valiosas para ampliar o alcance pedagógico da prática, desde que adequadamente mediados pelas professoras.

Considerações finais

A contação de histórias revela-se uma estratégia significativa no AEE, contribuindo para a construção de um ambiente educacional inclusivo. Essa prática, além de promover o desenvolvimento de habilidades específicas, fortalece o vínculo entre os estudantes e os conteúdos escolares. Para tanto, é essencial que os profissionais da educação sejam capacitados para utilizar essa ferramenta de forma eficaz, garantindo que todos os sujeitos possam explorar seu potencial pleno.

Ademais, estudos futuros poderiam aprofundar as investigações sobre a relação entre os diferentes gêneros literários e os impactos na aprendizagem de estudantes com deficiência. Em

ISSN 2674-7227

suma, a contação de histórias reafirma seu lugar como uma prática pedagógica inclusiva e transformadora, capaz de transcender barreiras e aproximar indivíduos de novas perspectivas e experiências.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as fadas?** - 5ª ed. Petrópolis, Rj. Editora Vozes, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BRASIL. **Constituição Federal.** Brasília – DF. 1988.

_____. **Lei 13.146 / 15**. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015c.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI:** tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PITA, Jaqueline Sousa Santos. **Contação de histórias no atendimento educacional especializado:** seguindo a estrada dos tijolos amarelos / Jaqueline Sousa Santos Pita. – Salvador, 2023.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

CAPELLINI, Vera L. M.; MACHADO, Gislaine M.; SADE, Rossana M. Contos de fadas: recurso educativo para crianças com deficiência intelectual. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 34, 1º sem. de 2012, pp. 158-185. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n34/n34a09.pdf.

UNESCO. **Declaração de Salamanca.** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf Acesso em: 20 de julho de 2021.